







## A TEORIA viva

Ivete Walty<sup>1</sup>

Em seu memorial escrito para o concurso de professor titular da Faculdade de Letras da UFMG, hoje publicado no livro *Tempo de pós-crítica* (2007), Eneida Maria de Souza usa como epígrafe do capítulo ora intitulado “Quem tem medo da teoria?” uma citação de Goethe: “Cinzenta é toda teoria e verde a árvore esplêndida da vida”. Sem ceder à possível dicotomia indiciada no excerto, a autora, reescrevendo sua trajetória acadêmica, postula: “A cor cinza sempre esteve ao lado da verde, embora lutassem constantemente entre si, no jogo infinito de ausência e presença do vivido.”(SOUZA, 2007, p. 40)

Ao escolher o ensaio como sua forma de escrita, a professora de Teoria da Literatura põe em prática essa assertiva em que a teoria e a ficção se interpenetram num trajeto alinhavado por subjetividades em interação. Nesse percurso dialogado insere-se minha formação em Letras na UFMG, em que, por muita sorte, fui aluna de Eneida Maria de Souza tanto na Graduação quanto no Mestrado. Depois, tornei-me sua colega de trabalho e a tive na banca de meu doutoramento na USP.

Cruzam-se, então, trajetórias, tecem-se histórias no mesmo movimento da teia tecida por Penélope, que Eneida recupera, ao valer-se do memorial de outra professora, responsável pela criação da disciplina Teoria da Literatura na Faculdade de Letras, Maria Luiza Ramos.

Foi com esse par que tomei meus primeiros contatos com a disciplina, ministrada pela primeira, com a utilização do livro da segunda *Fenomenologia da*

---

<sup>1</sup> Ivete Walty é professora da PUC Minas, pesquisadora do CNPq e Fapemig.

*obra literária* (1969). Com elas, aprendi a prescrutar o texto por meio dos estratos óptico, fônico e dos objetos representados, e, passando pelas unidades das unidades de sentido, chegar às qualidades metafísicas. Nesses estudos fenomenológicos, a textualidade é abordada com o desenvolvimento das habilidades de leitura. Ágil e arguta, a professora Eneida estabelece relações, que hoje conheço como o processo metafórico que constitui a mente humana (TURNER, 1998). Nas leituras de poemas de Drummond ou de romances de Autran Dourado feitas por ela, vou (des)atando os nós da rede construída em conjunto na busca de desvendar textos literários iluminados pela teoria. No fim de um dos semestres do curso de Teoria da literatura, convidada pela professora a desenvolver mais detidamente um trabalho feito sobre *O risco do bordado*, de Autran Dourado (1970), recebi de suas mãos o livro *As estruturas narrativas*, de Todorov (1970), com a recomendação de que ampliasse a análise feita com a ajuda da teoria ali desenvolvida, norteadas por

A descrição do funcionamento do sistema literário, a análise de seus elementos constitutivos e a evidenciação de suas leis, ou, num sentido mais estreito, a descrição científica de um texto literário e, a partir daí, o estabelecimento das relações entre seus elementos. (TODOROV, 1970, p.31)

Levei para casa o trabalho e o livro, mas não logrei sucesso na utilização daqueles pressupostos teóricos na abordagem do texto. Mesmo assim, continuei recebendo estímulo da professora, na aprendizagem da utilização das categorias de funções e relações, da operação com “um certo número de transformações” na construção do modelo, e na percepção de que a obra literária “é sempre construção e jogo” (EICHENBAUM, *apud* TODOROV, 1970, p.32).

Já em 1974, no exame para o Mestrado, pedia-se uma análise do poema “Carta”, de Drummond (1970), com base em alguns enunciados teóricos de formalistas russos:

Todo elemento presente numa obra traz uma significação que pode ser interpretada segundo o código literário. Para Chklóski, 'a obra é inteiramente construída. Toda a matéria é organizada (...)' Eichenbaum escreve: 'nenhuma frase da obra literária pode ser, em si, uma expressão direta dos sentimentos do autor, ela é sempre construção e jogo...' Portanto é preciso igualmente levar em conta as diferentes funções da mensagem, pois a organização pode manifestar-se em vários planos diferentes (...)

O caráter sistemático das relações entre os elementos decorre da própria essência da linguagem. Essas relações constituem o objeto da investigação literária propriamente dita. Tinianov (1929) assim formulou essas ideias, fundamentais em linguística estrutural: 'a obra representa um sistema de fatores correlativos. A correlação de *cada*

*fator com os outros é sua função com respeito ao sistema.* (TODOROV, 1970, p. 32-33.)

Os excertos formalistas que dirigiam a proposta apontavam para o tipo de abordagem analítica exercida naquele momento no Mestrado em Letras da UFMG. Ainda incapaz de destringer tais textos, utilizei as habilidades de leitura adquiridas com o estudo fenomenológico, buscando apontar as semelhanças entre as duas linhas crítico-teóricas. Acreditando e declarando que "o que importa é que se descubram os elementos textuais e as relações entre eles, realçando assim suas funções", estabeleci, então, paralelos entre os estratos da obra literária e a afirmação de Todorov de que "Para descrever um poema, devemos colocar-nos sucessivamente em diferentes níveis – fônico, fonológico, métrico, entonacional, morfológico, sintático, léxico, simbólico ... – e levar em conta suas relações de interdependência (TODOROV, 1970, p.31).

Talvez por acreditar que o que importava era a habilidade de leitura, a banca aprovou-me no exame, dando-me oportunidade de desenvolver mais as abordagens formalistas e estruturalistas. Escrevi, em um dos primeiros cursos do Mestrado, o artigo "O pensamento lógico/mágico em "A menina de lá", de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa (1975), em que trabalho com as contraposições propostas por tais métodos, com a ajuda de Todorov e Jakobson, associados à Freud e a Manonni. Essa rede de autores me forneceu, então, operadores de leitura para delinear o movimento do texto entre os mundos lógico e mágico no conto de Rosa. Depois, do desenho de alguns gráficos com contraposições e interseções das aludidas instâncias, concluí meu texto:

Assim se criou o texto que é uma prática-teórica. O texto se faz e ensina a fazer. Relaciona-se com o arco-íris, com o caixãozinho cor-de-rosa com 'funebrilhos', porque a morte é passagem para a vida (...). No mundo do texto não há necessidade de explicações lógicas, não há coisas prontas e evidentes. O Autor busca o inusitado, como fazem a criança e o louco, através dos processos psíquicos de condensação e substituição explicados por Freud (1943). Cada palavra se liga, simultaneamente, a uma outra dentro e fora do texto, evidenciando a projeção do eixo paradigmático no sintagmático, o que confirma os estudos de Jakobson (1969).

O que Guimarães Rosa faz, através de Nhinhinha, reitera-se, é trabalhar com palavras que nos levam a outras, nos processos mencionados de substituição ou condensação, metafórico ou metonímico; sem conexão lógica, pelo prazer de disparatar, de estranhar, numa tentativa de ruptura com o convencional, com a censura. As palavras chamam a nossa atenção como um anúncio preso no poste e, a seguir, satisfazem nossa curiosidade e nos levam além delas, regulando, como salienta Todorov (1974), nossa relação com o mundo, o que é uma função do simbolismo. (WALTY, 1979)

É sobre esse simbolismo, esse jogo, abordado pelos vieses mítico, psicanalítico e ideológico, que refleti ao analisar, no curso "O humor na literatura", ministrado por Eneida, quatro contos de Guimarães Rosa – "A terceira margem do rio", "Ripuária", "Azo de Almirante" e "Barra da vaca" –, dos livros *Primeiras estórias* (1975) e *Tutameia: terceiras histórias* (1976). Perquirindo os diversos níveis textuais, observei o domínio "da dubiedade, da ambigüidade; a vitória da loucura e de seu silêncio, seu riso, seu cuspe", como marcas do literário cujas figuras da travessia – o barco, o barqueiro sempre entre as margens – fazem-se metonímias dos textos que integram. "O texto circula entre as duas margens, entre o ser e o não-ser; entre o convencional e o não-convencional, entre o senso comum e o não-senso, a vida e a morte, a realidade e a magia, a razão e a desrazão." (WALTY, 1979, p. 7)

A teoria a dirigir a leitura veio da *História da loucura*, de Foucault (1978), de *Vida contra morte*, de Norman Brown (1974), entre outros. Nessa bibliografia, que incluía também textos críticos do e sobre o estruturalismo, como Lévi-Strauss, com *Antropologia estrutural* (1973), Costa Lima (1973) – com especial destaque para o problema da estética, como em "Os discursos de re-presentação", ressalta-se a interdisciplinaridade do diálogo entre a Teoria da Literatura, a Antropologia, a Psicanálise, a Sociologia e a História.

44

Os textos produzidos por mim, publicados no Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais* (1979), registram caminhos teóricos que hoje podem ser revisitados, como, por exemplo, o estabelecimento de relação entre o que chamara mundo lógico e mundo mágico, ou entre realidade e imaginário, à luz da noção do "como se", proposta por Iser (2002), em que se mostra o ato de fingir como a irrealização do real e a realização do imaginário em sua relação com o mundo formulado.

Outros cursos de Eneida Maria de Souza inseriram-me nesses e em novos universos, desafiando-me. O curso "Metodologia da crítica literária" começa com a discussão de um painel feito por Eduardo Prado Coelho sobre o estruturalismo no texto "Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos". Aí, marcadas pela dinamicidade, se instalam associações com a Psicanálise, com Freud e Lacan; os estudos sobre ideologia, com Marx e Althusser; e, sem deixar de considerar sempre Lévi-Strauss e Foucault, abrem-se para as teorias do descentramento, com Derrida e Deleuze. A partir daí, o curso

oferece seminários sobre textos de cada um desses autores associados à leitura de textos literários, com relevo para *D. Quixote*, uma das obras indicadas para leitura.

Para tal curso escrevi a monografia “A burla e o humor na narrativa quixotesca”, em que, não sei se, ousada ou timidamente, por reconhecer minha insegurança no trânsito empreendido, passeio pela teoria sofisticada do curso, que inclui, de Derrida, *A escritura e a diferença* (1969) e “La pharmacie de Platon”(1972); de Foucault, *As palavras e as coisas* (1966); e de Deleuze, *Lógica do sentido* (1974), entre outros.

Para ler *D. Quixote*, obra-base do curso em pauta, baseio-me na afirmação de Foucault de que "O seu ser é linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas, é a escrita errando no mundo entre a semelhança das coisas." (FOUCAULT, 1966, p. 79). Estudando a teatralidade da e na obra, recorto cenas do livro associando-as ao movimento dos títeres, e afirmo:

A vida é apresentada como o teatro de títeres é apresentado a *D. Quixote*: há aquele que recorta as figuras e as move como bem entende, no retábulo que montou. Cada figura representa o papel determinado pelo criador e esta representação é assistida por vários espectadores. No entanto, os espectadores interferem na peça e vivem o papel dos outros. Eis o primeiro elemento importante: as pessoas/personagens não sabem se são atores ou espectadores, burladores ou burlados. (WALTY, texto não publicado)

45

Analisando o lugar da loucura na narrativa, ligo-a à encenação ficcional em seu jogo entre sonho e vida, ficção e realidade, entre remédio e veneno. Nesse curso, instada pela força da professora, discuto pela primeira vez a reversão do platonismo. Para isso, ao ler Deleuze, debruço-me, juntamente com outras colegas<sup>2</sup>, sobre a obra de Platão, para compreender a ligação entre a obra literária e o simulacro na releitura que o filósofo francês faz do autor grego: o simulacro não mais como a cópia degradada que implica numa perversão, num desvio, mas como potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução. Discuto, então, o lugar da escrita como o discurso sem pai, a circular entre o trágico e o cômico, entre o sério e a burla, que resultaria no humor, associado, pois, à reversão do platonismo: “a instauração do mundo das

---

<sup>2</sup> Maria Nazareth Soares Fonseca e Nancy Maria Mendes. Vale lembrar ainda a importância dos seminários organizados pelos professores do Departamento à época – Graça Paulino, Ângela Senra, Vera Lúcia Andrade, Haydée Ribeiro Coelho, além das já mencionadas - para a discussão das teorias em pauta.

distribuições nômades e das anarquias coroadas, (...) a abolição de todo fundamento, que assegura um universal desabamento (*effondrement*) mas como acontecimento positivo e alegre (*effondement*). (Cf. DELEUZE, 1974).

O impacto desse curso em minha vida acadêmica rendeu-me anos mais tarde a escrita do livro *O que é ficção* (1985), da Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, que, se não o fiz na época, dedico agora a Eneida Maria de Souza, por ter sido ela que, ao ministrar esse curso, me jogou na corrente das teorias do descentramento, balançando minhas certezas e convicções. Além disso, as observações feitas por ela sobre a organização textual, seu ritmo sincopado pela precária paragrafação, evidenciam seu papel de professora na tarefa de formação de outros leitores e pesquisadores.

Esse exercício de releituras aprendido com Eneida Maria de Souza e outras professoras da época, como Maria Luiza Ramos, Letícia Malard e Melânia Silva de Aguiar, só é possível pela percepção de que a teoria não deve sufocar o texto, garantindo que, a despeito das diferentes metodologias da crítica, a leitura tenha validade algumas décadas depois. A esse respeito, comentando a contribuição de Deleuze para o raciocínio estruturalista, "fundado na *mediação e no paradoxo*", Eneida afirma:

A ênfase nas diferenças produtoras de sentido também se manifesta na análise deste tecido metodológico, formado pela comparação entre múltiplas versões dos fatos ou de situações.

Com base nesse aparato teórico, a prática de leitura escapa à abordagem parafrástica do texto e se articula numa eficaz formalização dos dados desmitificando-se, por conseguinte, a interpretação simbólica, de fundo arquetípico e substancialista, e optando-se pela estruturação interna dos elementos da narrativa, cujos sentidos se constroem como efeito de relação. (SOUZA, 2007, p.58)

Em outro momento a crítica se penitencia por ter aproximado a noção de estrutura de Lévi-Strauss do conceito de sentido em Deleuze, "levando-se em conta que, neste último, predomina a ideia de paradoxo como articulação da diferença e, no primeiro, a diluição da diferença, pela defesa da universalidade da estrutura" (p.75). Mas continua:

O que permanece conciliável é a maneira pela qual são articuladas as relações e os elementos na estrutura, o jogo ambivalente de presença e ausência, e o vazio atuando como mola mestra da construção de sentido. (SOUZA, 2007, p. 75)

Faz-se necessário introduzir nessa conjunção entre a trajetória de Eneida e a minha uma outra tendência dos estudos literários da época, já levantada pelos formalistas russos: a relação entre texto e contexto, que, como aponta Todorov, liga-se à questão do sentido (Cf. TODOROV, 1970, p. 44), questão esta que continua atual e desafiante. Tal relação, que inclui aspectos político-sociais, foi amplamente discutida em cursos ministrados, não por acaso na época do início da abertura política, por Letícia Malard, que tratou da ficção brasileira sob o ponto de vista ideológico e depois tratou especificamente da narrativa pós-64, bem como por Eneida Maria de Souza, em curso específico sobre a obra de José Cândido de Carvalho. Lendo Marx, Althusser e Balibar, aprendi, então, a lidar com conceitos de ideologia e a analisar relações de poder que atravessam a obra, recorrendo ainda a textos de natureza histórica e sociológica, como os de Hobsbawm (1976) e os de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976, 1977) sobre o mandonismo e o messianismo na sociedade brasileira. O resultado do curso foi a monografia “O fantasma ideológico: *O coronel e o lobisomem* de José Cândido de Carvalho”, assim concluída:

Ponciano é vítima de uma fase de transição da sociedade capitalista que oscila entre o campo e a cidade, entre o mundo militar e o jurídico, entre o Coronel e o Doutor, procissões e “casas de safadeza”. Por isso não é nem um nem outro, não fica nem lá nem cá. (WALTY, texto não publicado)

Depois de ter ilustrado a afirmação acima com passagens do texto, afirmo que “ele foi devorado pela sociedade capitalista, que, ideologicamente, deixa ao homem que espolia, uma forma de compensação pelo sonho ou pela morte”. Ora, como se pode ver pelo tom do texto, as observações da professora apontando como trouxera para minha análise as dicotomias do romance foram extremamente pertinentes. Tais observações se ratificam ainda com o episódio que vivenciei ao levar tal texto à Imprensa Oficial para uma possível publicação no Suplemento Literário: o Diretor do Órgão, Senhor Wilson Castelo Branco, me recebeu, depois de haver lido o texto, que rejeitou com o argumento de que uma instituição financiada pelo governo do Estado não poderia publicar um artigo que criticava o poder e o capitalismo.

Cenas enunciativas se formam em interseção de sujeitos, tempos e espaços, fazendo dialogar a ficção, a teoria e a política em relações acadêmicas, institucionais, midiáticas e pessoais, evidenciando a mobilidade que é própria da experiência humana.

Na continuação dessas trajetórias, ainda sem defender minha dissertação de mestrado, prestei, em 1978, concurso para professora colaboradora de Teoria da Literatura na mesma Faculdade em que estudava. A prova, de cuja comissão organizadora certamente participava Eneida, versava sobre o conto “Alfredo”, de Murilo Rubião, que analisei pela abordagem estruturalista em diálogo com elementos de outras teorias e áreas do conhecimento. Elaborei, então, o texto “A narrativa: um caminho a percorrer ou a construir”. A exploração dos elementos bíblico, ideológico e psicanalítico da composição literária ajudou-me a perceber o conto como uma alegoria da condição humana e da própria linguagem. Afirmando então:

O texto, em seu nível literal, fala de um animal que se fez verbo, mas há aí toda uma inversão do evangelho de São João. Em primeiro lugar, no lugar do verbo com V maiúsculo, a origem de todas as coisas segundo a episteme clássica, a *phoné*, segundo Derrida, vem o verbo resolver, “um pequenino verbo inconjugável”. O verbo resolver, em seu sentido usual, significa solucionar, explicar, esclarecer, mas é também sinônimo de decompor. Bem como de desaparecer, desfazer-se, extinguir-se. Ora, o tornar-se verbo não soluciona o problema do homem; ele se busca e se extingue na própria linguagem. O fato de o homem se metamorfosear em porco antes de fazer-se verbo já rompe com o texto base, opondo o porco à imagem de Deus. A negação do centro, da origem, do verbo ser – “o fim do livro e o começo da estrutura”, segundo Derrida. (WALTY, 1979, p. 128)

Como se vê, a história de minha formação na Faculdade de Letras da UFMG cruza-se fortemente com a história do estabelecimento da disciplina Teoria da Literatura entre nós e com as professoras responsáveis por isso, sobretudo Maria Luiza Ramos e Eneida Maria de Souza, de quem, em 1978, passei orgulhosamente a ser colega. Assim, além de currículos e disciplinas planejadas em comum, da organização dos *Cadernos de Linguística e Teoria da literatura*, mais tarde *Ensaio de Semiótica*, fomos desenhando percursos e mapas da própria disciplina, campo de circulação de muitos saberes. Para tal concurso, Eneida, como o narrador benjaminiano, sai em busca de novas experiências e volta para partilhá-las com os que ficaram. Por seu intermédio, eu, que já conhecera os textos de Costa Lima com suas reflexões teórico-críticas, e os de Silviano Santiago, que, em sua retomada de Derrida, lê a cultura brasileira em seus paradoxos, delinhei meu percurso na direção da relação literatura e sociedade, passando sempre, como não podia deixar de ser, pelos estudos de Antonio Candido.

Não por acaso, no ano de publicação de *Em liberdade*, de Silviano Santiago (1981), escrevo o texto "Vozes em contraponto", que, com a mediação de Eneida, chega até ele, antes que o conhecesse pessoalmente. Analisando o processo enunciativo do "diário" de Graciliano Ramos, escrito por Silviano, busco ler a narrativa "como o espaço em que se encontram diferentes vozes, fruto da multiplicidade de "eus" que se inserem na figura de Graciliano Ramos." (WALTY, 1984, p. 10). A questão do intelectual é amplamente discutida no livro e passa a integrar minhas reflexões tendo me rendido pesquisas instigantes. Silviano Santiago, depois de ministrar um curso sobre memória e autobiografia para os professores da Faculdade de Letras da UFMG, também se inscreve concretamente em meus estudos. Em razão disso, anos mais tarde, organizando, juntamente com Wander Melo Miranda, um livro de homenagem ao autor amigo, Eneida me chama a escrever um capítulo, que intitulei "O eu migrante: crítica e ficção em *Viagem ao México* (WALTY, 1997, p. 157 - 169). Aí, além dos próprios textos do crítico homenageado, continuo me valendo da bibliografia a que fui iniciada por Eneida, como se pode ver no trecho com que inicio minha análise:

Um leitor da obra de Silviano Santiago, o crítico ou o ficcionista, poderá relê-la, metaforicamente, através do livro *Viagem ao México*. Nesse romance/ensaio, Silviano desdobra-se em outros, como já o fizera nos livros *Em liberdade* e *Stella Manhattan*, e, em busca da alteridade, exercita-se naquilo que teoriza na crítica latino-americana.

O livro retoma o ensaio "Por que e para que viaja o Europeu?" (SANTIAGO, 1989), transformando-o num texto ficcional instigante em que o narrador acompanha de perto um desses europeus que querem redescobrir a América, ou, mais especificamente, a cultura solar asteca. Para isso, Silviano constrói uma hipertextualidade que ignora as dobras do tempo e se expande no espaço. Concebe-se a si mesmo como monstro e à narrativa como viagem de descoberta: descoberta de si, descoberta do outro. (WALTY, 1997, p. 156)

Não por acaso, mostro mais adiante percursos que se inter cruzam nessa e em outras viagens:

Silviano escreve e reescreve a sua obra e a obra dos outros. Eneida Maria de Souza prefacia Silviano, relendo-o, capinando às margens do texto. E, neste texto, vou-me apropriando destes e de outros textos, invadindo-os, recortando-os. Somos todos, então, manchas/monstros, faces desse eu migrante, encarnado por Silviano em seu percurso de intelectual latino-americano num exercício de resistência, fazendo da literatura o que, talvez, se pudesse chamar de contra-história, como o quer Marc Ferro (1991) (WALTY, 1997, p.167).

A essa altura Eneida, junto a outros professores e críticos, já fortalecera a inserção da Literatura Comparada no currículo da Pós-Graduação, então com o nível do Doutorado. Participara, ainda, da criação da Abralic, movimentando a cena acadêmica brasileira e latino-americana. Outros mapas se desenham fortalecidos pelos nós da rede que passara a incluir a diferença, na esteira dos estudos etnológicos de Lévi-Strauss iniciados ainda nos anos 1970, bem como de Silvano Santiago e sua leitura da cultura brasileira a partir da noção de *suplemento* de Derrida. Os congressos da Abralic marcaram lugares e posições frente à chegada dos Estudos Culturais. Valor e cânone são termos que passam a integrar os temas de cada um dos encontros, provocando dissensões e debates, que mereceram ensaios esclarecedores da crítica e professora de que ora falamos.

Nesse meio tempo, em 1991, defendi minha tese *Estrutura da narrativa e imaginário social: uma leitura de Histórias de maloca antigamente*, na Universidade de São Paulo. Ao lado de meu saudoso orientador João Luiz Machado Lafetá, Lígia Chiappini, Francisco Foot Hardman e Erasmo Magalhães, encontrava-se Eneida, que, integrando minha banca, fora obrigada a lidar com o polêmico livro objeto de meu trabalho. Aceitara o desafio porque já reconhecia a importância das "particularidades culturais, em favor da indistinção e do universalismo criados pelo aparato racional". (SOUZA, 2007, p. 75). A esse respeito, diz a autora:

Ao discorrer sobre as transformações, nas Ciências Humanas, do pensamento crítico dos anos 60, relativas à questão do sujeito, e à problematização, na literatura brasileira, do conceito de identidade cultural, construo o raciocínio a partir da diluição Pós-estruturalista do conceito de universal, revertendo na historicização do particular e na diferença entre culturas. (SOUZA, 2007, p. 76).

Eneida, então, já aponta para aquilo que Doreen Massey (2008) chama de apagamento de trajetórias e histórias operado pela Modernidade com a imposição de uma história única, a da sociedade ocidental.

Na revisão crítica dos trabalhos feitos antes de seu doutoramento em Paris, Eneida se critica também por ter deixado de lado o lugar da enunciação do sujeito leitor, na busca da objetividade científica:

O apagamento do sujeito-leitor na produção do objeto literário se reduplica no apagamento especular do sujeito crítico, com a suspensão de subjetividades e da história pessoal do sujeito da investigação. A separação entre sujeito e objeto é responsável pela concepção de um pensamento racional que anula o traço da enunciação e a marca autoral no texto. (SOUZA, 2007, p. 72)

Hoje, trabalhando mais especificamente com a relação entre enunciação e encenação, consciente de que o importante é a cena enunciativa em que alguém fala para alguém, na construção de intersubjetividades, como propôs Benveniste, (Cf. BENVENISTE, 2005), ele mesmo já indicado por Eneida nos cursos da época, vejo que esse sujeito da enunciação não se apaga mesmo quando busca a objetividade do discurso científico. Por isso mesmo, o que se vê nos textos críticos de Eneida é seu lugar de professora atenta ao entorno acadêmico, sócio-cultural e político, crítica atualizada a investigar teorias e métodos sem tomá-los como fôrmas ou verdades.

Nesse sentido, vale lembrar com Morin que

cada ser, inclusive o mais vulgar ou anônimo, é um verdadeiro cosmos. Não só porque a profusão de interações no cosmos, mas também porque leva em si um mundo fabuloso e desconhecido.

Durante longo tempo, a superioridade da literatura com respeito às ciências humanas residiu precisamente em dar conta desse aspecto, num momento em que as ciências humanas haviam abolido por completo a existência do indivíduo. (MORIN, 1996, p.282)

O caminho de Eneida Maria de Souza mostra que a teoria não submete a ficção e a vida, se se mantém o movimento da experiência humana. Movimento este constitutivo da mente em sua natureza parabólica, de construção de relações. Nesse sentido, é bom lembrar ainda uma análise, feita por Eneida, do conto "Izabel numa 5a. Feira", de Roberto Drummond, em que os parâmetros estruturalistas são usados na relação entre os códigos amoroso e político. A teia textual exibida por Eneida na construção da personagem aponta para a intertextualidade explícita e implícita, com referências à literatura e à mitologia clássicas, com Circe, as sereias e Ulisses na *Odisseia* ou Diana e Selene, deusas lunares, assim como a personagens do mundo cinematográfico ou popular, como Ava Gardner, as coelhinhas da Playboy ou Barbarela e Valentina, das revistas de quadrinhos eróticas. A leitura de Izabel como uma visão da pátria, por meio da teoria antropofágica indiciada no próprio conto, evidencia que o método não matou a obra, antes ressaltou seus elementos, o que permite releituras, tanto das teorias como da ficção.

Nas mãos de Eneida a teoria torna-se viva porque em movimento, em interação, em uma rede que inclui o afeto, a *philia*.

## Referências bibliográficas

- BROWN, Norman. *Vida contra morte: o sentido psicanalítico da história*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: DERRIDA; FOUCAULT et al. *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Trad. Eduardo Prado Coelho et al. Lisboa: Portugália, S/D.
- COSTA LIMA, Luiz. Os discursos de re-presentation. In: *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973, p.395-419.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- DERRIDA, Jacques. O fim do livro e o começo da escritura. In: *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 7-32.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1967, p. 229-249.
- DERRIDA, Jacques. *La pharmacie de Platon*. Paris: Seuil, 1972.
- DOURADO, Autran. *O risco do bordado*. São Paulo: Expressão e Cultura, 1970.
- DRUMMOND, Roberto. Izabel numa 5a. Feira. In: *A morte de D.J. em Paris*. São Paulo: Ática, 1975, p. 27-31.
- FERRO, Marc. *História das colonizações : das conquistas às independências : séculos XIII a XX*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. VIII. Trad. Margarida Salomão et al. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Salma Tannus Muchail. Lisboa: Portugália, 1966.
- HOBSBAWM, E. J. *Bandidos*. Trad. Donaldson Garshagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. Trad. Heidrun Olinto e Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955 - 984.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Kate e Reginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MANONNI, O. *Chaves para o imaginário*. Trad. Lígia Maria Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1973.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Ilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade, por Edgar Morin. Diálogo: Edgar Morin, Ernst von Glasersfeld, José Jiménez. In: SCHNITMAN, Dora (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274-287.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

RAMOS, Maria Luiza. *A fenomenologia da obra literária*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1969.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

RUBIÃO, Murilo. Alfredo. In: *A casa do girassol vermelho*. São Paulo: Ática, 1978, p.57 - 61.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.189-205.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Recherches sur le symbolisme linguistique I: le mot d'esprit et ses rapports avec le symbolisme In: *Poétique*, 18ªed. Seuil, 1974.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TURNER, Mark. *The Literary Mind: The Origins of Thought and Language*. New York: Oxford University Press, 1998.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O pensamento lógico/mágico em “A menina de lá”. In: *Minas Gerais* (Suplemento literário), n. 661, 02/jun./1979, p.6-7.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O estudo da ambigüidade em quatro contos de Guimarães Rosa. In: *Minas Gerais*, (Suplemento literário), n. 671, agos/1979, p.6-7.

WALTY, Ivete Lara Camargos. A narrativa: um caminho a percorrer ou a construir. In: *Revista literária do corpo discente da UFMG*, n. 14, 1979, p.121 –129.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Vozes em contraponto: uma leitura de Em liberdade, de Silviano Santiago. In: *Minas Gerais*, (Suplemento literário), nº 926, 1984, p. 10-11.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O eu migrante: crítica e ficção em *Viagem ao México*. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Navegar é preciso, viver. Escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997, p.157-169.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *Narrativa e imaginário social: uma leitura das Histórias de maloca antigamente, de Pichuvy Cinta Larga*. São Paulo, 1991 (Tese de doutorado).<sup>3</sup>

54

---

<sup>3</sup> Não se estranhe a quantidade de referências a meus próprios trabalhos, em um texto em que se homenageia a Professora Dra. Eneida Maria de Souza, já que o que se pretendeu foi evidenciar a importância dessa professora na minha formação acadêmica, rastreando a influência de seus cursos em minhas produções.

